

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Body Shopping em TI: A Indústria da Intermediação e o Culto do Descartável

Publicado em 2025-12-07 19:50:20



BOX DE FACTOS

- O **body shopping** transforma profissionais de TI em “unidades de alocação”, reduzindo autoria, contexto e responsabilidade técnica.
- O modelo prospera onde impera a cultura do **mais barato e mais rápido** e onde a governação interna é frágil.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- O custo real não é apenas financeiro: inclui perda de memória tecnológica, erosão de talento sénior e deterioração da experiência do utilizador.
- O problema não é a consultoria em si, mas a **intermediação predatória** sem transferência de conhecimento nem compromisso com qualidade.

Body Shopping em TI: A

Indústria da

Intermediação e o Culto do

Descartável

Há negócios que se apresentam como modernidade, mas funcionam como feudalismo de nova geração. Não exigem castelos nem brasões: bastam contratos opacos, promessas de velocidade e uma cultura que confunde custo de hora com valor de futuro.

O **body shopping** em TI é uma dessas realidades que toda a gente conhece e quase ninguém assume como problema

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Só que esta normalidade tem um preço que raramente entra em relatórios de gestão. Porque quando um profissional é tratado como “peça substituível”, a engenharia deixa de ser uma construção colectiva com memória e passa a ser uma linha de montagem emocionalmente vazia.

O que é, ao certo, este modelo?

Em abstracto, poder-se-ia dizer que é apenas consultoria de recursos. Mas o body shopping, na sua forma mais tóxica, é outra coisa: é **intermediação de mão-de-obra técnica com prioridade absoluta ao preço e à velocidade**, onde a transferência de conhecimento é mínima, o contexto é descartável e a responsabilização final se perde no nevoeiro dos contratos.

Em vez de uma equipa integrada, surge um mercado de alocação: o profissional pertence à consultora, trabalha no cliente, responde a duas lógicas, e muitas vezes não é verdadeiramente dono de nenhuma.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- **Intermediários** que lucram com margem sobre perfis alocados.
- **Clientes** que preferem transformar custo fixo em custo variável para evitar investimento em equipas internas e carreiras técnicas.
- **Processos de RH e procurement** que tratam TI complexa como aquisição de commodity.

Quando estes três vértices se reforçam mutuamente, o sistema fecha-se sobre si mesmo e cria a ilusão de eficiência. Mas a eficiência real mede-se na durabilidade do software, na robustez operacional e na segurança. E aqui o body shopping tende a falhar com a elegância triste do previsível.

O mito do barato

O modelo vende-se como promessa de poupança. Mas há duas economias paralelas:

- A economia da **factura visível**.
- A economia da **dívida invisível**.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O body shopping prospera, assim, numa lógica de curto prazo: resolve o problema do “preciso de pessoas para ontem”. Mas tende a agravar o problema do “preciso de sistemas que prestem por muitos anos”.

Rotatividade: o vírus mais caro

Em engenharia de software, contexto é capital. Conhecer um sistema não é decorar um repositório: é compreender as decisões antigas, os riscos silenciosos, os pontos frágeis, e o que nunca foi documentado porque o tempo é um tirano.

Quando a rotatividade é elevada, o sistema perde memória a cada trimestre. E o cliente entra numa rotina de recaídas: novas pessoas, novas curvas de aprendizagem, novos erros antigos com nomes modernos.

O efeito mortal sobre os séniores

Este modelo tem uma consequência cultural grave: desvaloriza a experiência profunda e favorece o perfil mais barato, mais maleável e mais compatível com margens apertadas.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Quando o mercado empurra estes perfis para fora, não está apenas a cometer uma injustiça profissional. Está a retirar ao sistema a sua camada de imunidade.

A degradação da qualidade e da segurança

A pressão para entregar rápido, com equipas que mudam frequentemente, abre espaço para padrões perigosos:

- Testes reduzidos ao mínimo funcional.
- Documentação tratada como luxo académico.
- Arquitecturas feitas para sobreviver ao sprint, não para dominar o próximo ciclo de vida.
- Segurança como checklist e não como disciplina contínua.

O resultado não é apenas software medíocre. É software que se torna um risco reputacional e operacional.

O custo humano

Há aqui também uma microtragédia quotidiana: profissionais que passam anos a saltar entre clientes, projectos e prioridades, sem tempo para consolidar autoria, sem voz na arquitectura, e muitas vezes sem trajecto de carreira digno.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O que separar: consultoria séria vs intermediação predatória

É importante sublinhar o óbvio que muita gente evita:
consultoria não é sinónimo de body shopping tóxico.

Há consultoras que:

- entregam arquitectura, método e conhecimento;
- formam equipas internas;
- assumem responsabilidade por resultados;
- constroem activos técnicos e não apenas alocações temporárias.

O problema é o modelo que vive apenas de vender pessoas como linhas de um inventário e retirar margem sem deixar legado técnico.

Como se desmonta este ciclo

A cura exige um pouco de coragem institucional:

- **Reforçar equipas internas nucleares** em arquitectura, segurança, dados e operação.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- **Contratos com obrigações reais** de documentação, mentoria e métricas de estabilidade.
- **Reducir rotatividade por desenho** com equipas mistas e objectivos de longo prazo.
- **Medir custo total** incluindo incidentes, atrasos e reprojectos.

Em linguagem simples: internalizar soberania, externalizar capacidade — quando fizer sentido.

Epílogo: a moral da engenharia

O body shopping, na sua versão mais suja, é a industrialização do provisório. E uma nação que industrializa o provisório não se espante se colhe sistemas frágeis, serviços digitais exasperantes e projectos que começam com pompa e morrem por anemia.

O futuro tecnológico não se compra ao quilo. Constrói-se com memória, método, equipas estáveis e respeito pelo tempo longo da qualidade.

Artigo de Francisco Gonçalves

Co-autoria editorial: **Augustus Veritas Lumen**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)